

ALMANAQUE
DA MÚSICA
BRASILEIRA
PARA
CRIANÇAS



ALMANAQUE DA MÚSICA BRASILEIRA PARA CRIANÇAS

Textos:

**FRANCISCO LUZ E
PHELLIP WILLIAM GRUBER**

Ilustrações:

MELISSA GARABELI

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Luz, Francisco
Almanaque da música brasileira para crianças /
textos Francisco Luz e Phellip William Gruber ;
ilustrações Melissa Garabeli. -- 2. ed. -- Curitiba :
Diversa Produções, 2022.

ISBN 978-85-54027-07-0

1. Música brasileira - História e crítica
2. Música brasileira - Literatura infantojuvenil
3. Músicos brasileiros - Biografia - Literatura infantojuvenil I. Gruber, Phellip William.
II. Garabeli, Melissa. III. Título.

22-117231

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Música brasileira : Literatura infantil 028.5
2. Música brasileira : Literatura infantojuvenil
028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Introdução

Olá!

Sejam bem-vindas, meninas.

Sejam bem-vindos, meninos.

Nas próximas páginas você viajará pela história da música clássica brasileira ao lado de oito personagens. Neste caminho, enfrentará lutas contra o preconceito e conhecerá histórias de superação e sucesso construídas através de muita criatividade e imaginação.

Prepare o ouvido e afine a atenção porque você está prestes a conhecer a história de importantes compositores brasileiros!

Vamos lá?



Padre José Maurício

★ 1767 †1830

Padre José foi um importante compositor que venceu todo o preconceito que enfrentou e garantiu que sua figurinha estivesse colada na história da música do nosso país.

Nasceu no dia 22 de setembro de 1767, no Rio de Janeiro. Ele presenciou uma grande mudança na história do Brasil, que deixava de ser uma colônia de Portugal para se tornar um império independente.

José era filho de descendentes de africanos escravizados. Seu pai, um humilde alfaiate, morreu quando o menino tinha apenas

06 anos. A vida dele então ficou bem difícil, pois os negros tinham que se esforçar muito mais que os outros para serem bem vistos. Apesar da dificuldade, sempre foi um menino criativo e com vontade de vencer as barreiras sociais que enfrentava.

Não se sabe muito sobre a sua infância e juventude porque até os registros históricos dos negros eram bem escassos naquela época. Alguns colegas de infância diziam que ele tinha uma voz belíssima, cantava super bem e ainda conseguia memorizar várias canções. José as reproduzia iguaizinhas às formas originais: era tipo um gravador humano que tinha na “caixaola” as músicas todas decoradas!

Há quem diga que ele tocava vários instrumentos, mas se destacava mesmo tocando órgão (uma espécie de piano que funciona com a passagem de ar por tubos grandes e pequenos).

Sabe-se que, em 1783, no tempo em que cantava no coro da catedral, compôs a sua primeira peça que se chamou *Tota Pulchra es Maria*. Isso que ele era apenas um adolescente!

Mesmo com tanto talento, nunca teve a oportunidade de comprar um instrumento, então aproveitava para tocar cravos e pianos que encontrava em um centro cultural ou nas casas dos seus alunos.



Quando José Maurício escolheu a vida religiosa foi por ser muito devoto, mas também porque a formação no seminário seria um caminho para ampliar seu conhecimento e o tornar um músico profissional. Não foi nada fácil: ele teve que trabalhar muito para provar que merecia ser padre, pois não era comum pessoas negras assumirem altas funções dentro da igreja.

Inclusive, se você pesquisar imagens do Padre José pela internet, provavelmente encontrará apenas retratos em que ele está representado com pele clara e traços de brancos, e não com a sua verdadeira aparência.

O momento mais importante da sua carreira foi quando conseguiu o cargo de de diretor da Capela Real. Ele foi indicado pelo próprio príncipe Dom João que acabara de chegar de Portugal. Este



era o maior cargo que um músico poderia querer, pois, naquela época, as atividades musicais estavam concentradas principalmente na igreja e na corte. Era como ser o líder de uma banda famosa.

Ele ficou responsável por escrever e ensaiar as obras que eram entoadas durante as missas e celebrações. Conseguiu compor mais de quatrocentas! Dá pra imaginar?

Dentre elas estão músicas escritas na forma de missas, salmos, hinos e outras ligadas aos ritos da igreja católica. Mas José também escreveu algumas modinhas, que são menos sérias e mais parecidas com as canções populares de hoje.

Tudo começou a desandar para o Padre quando, em 1811, chegou Marcos Portugal. Ele era um famoso compositor português que transformou a vida do Padre José em uma terrível tempestade, tratando-o com muita maldade e preconceito.





Apesar de ainda ter o seu cargo garantido, José não pôde mais compor para missas importantes ou momentos de solenidade e seu trabalho ficou apagado.

O Padre faleceu no dia 18 de abril de 1830, vivendo quase na miséria, em uma pequena casa, onde só havia uma porta e uma única janela.

Mesmo com tamanho sofrimento, a extensa e importante obra que produziu fez com que seu trabalho não se perdesse com o tempo. É pelo que fez e viveu que José Maurício Nunes Garcia é considerado o primeiro grande compositor da música brasileira!



Carlos Gomes
★ 1836 † 1896

Carlos Gomes foi o primeiro compositor brasileiro a ser reconhecido internacionalmente. Ele escreveu óperas e tocava vários instrumentos. Nasceu no dia 11 de julho de 1836, na cidade de Campinas, em São Paulo. Era filho do mestre de capela Manuel José Gomes, o Maneco músico.

Conhecido como Tônico, o jovem Carlos teve que lidar com a trágica morte de sua mãe Fabiana, assassinada com apenas 28 anos. Seu pai, dedicado a formar os meninos na mesma arte em que atuava, tinha dificuldade para criar tantos filhos. Formou, então, a *Banda Musical de Campinas*, na qual só tocavam os homens da



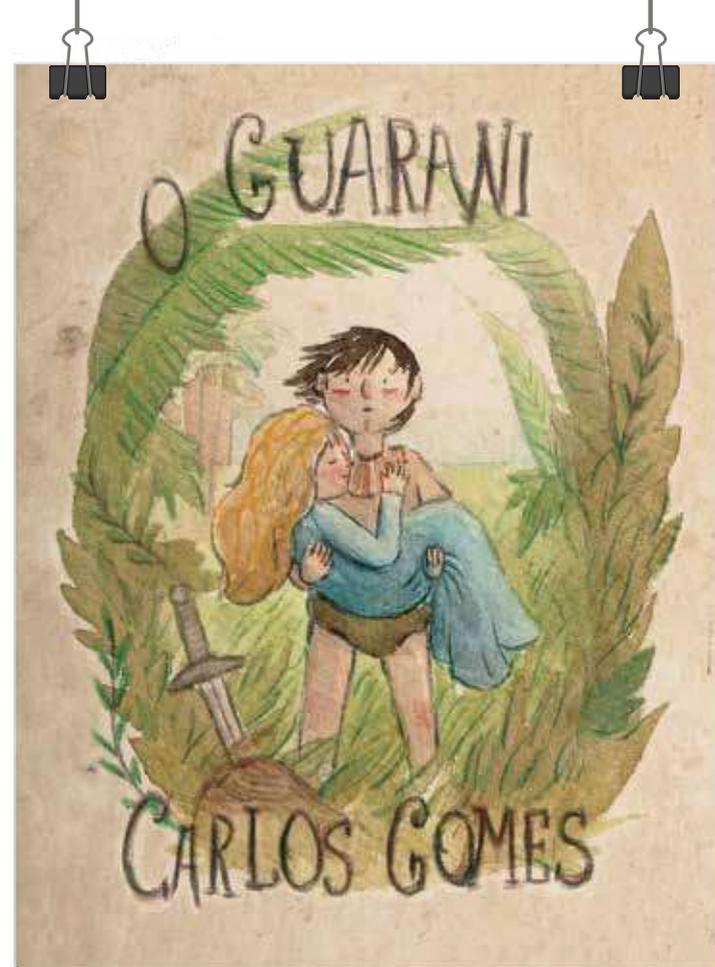
família. Infelizmente, era muito difícil uma mulher ser aceita como musicista pela sociedade.

Aos 10 anos, Carlos aprendeu as primeiras notas com o pai e foi na banda que fez suas primeiras apresentações. Alguns anos mais tarde, o jovem músico dividia o seu tempo entre a banda e a alfaiataria em que trabalhava – ele era expert tanto em música quanto em boas vestimentas!

Com quinze anos, já escrevia valsas, quadrilhas e polcas, mas foi com dezoito que compôs sua primeira grande obra, a *Missa de São Sebastião* (1854).

Naquele tempo, com a recente independência do Brasil, o cenário artístico brasileiro crescia mais e mais. Iniciaram o mercado de livros, os jornais, a construção de grandes teatros e a visita de várias figuras famosas do mundo da arte. A corte investia no estudo de jovens artistas brasileiros, incentivando-os até a estudar fora do Brasil, em lugares onde o ensino de artes já era uma tradição.

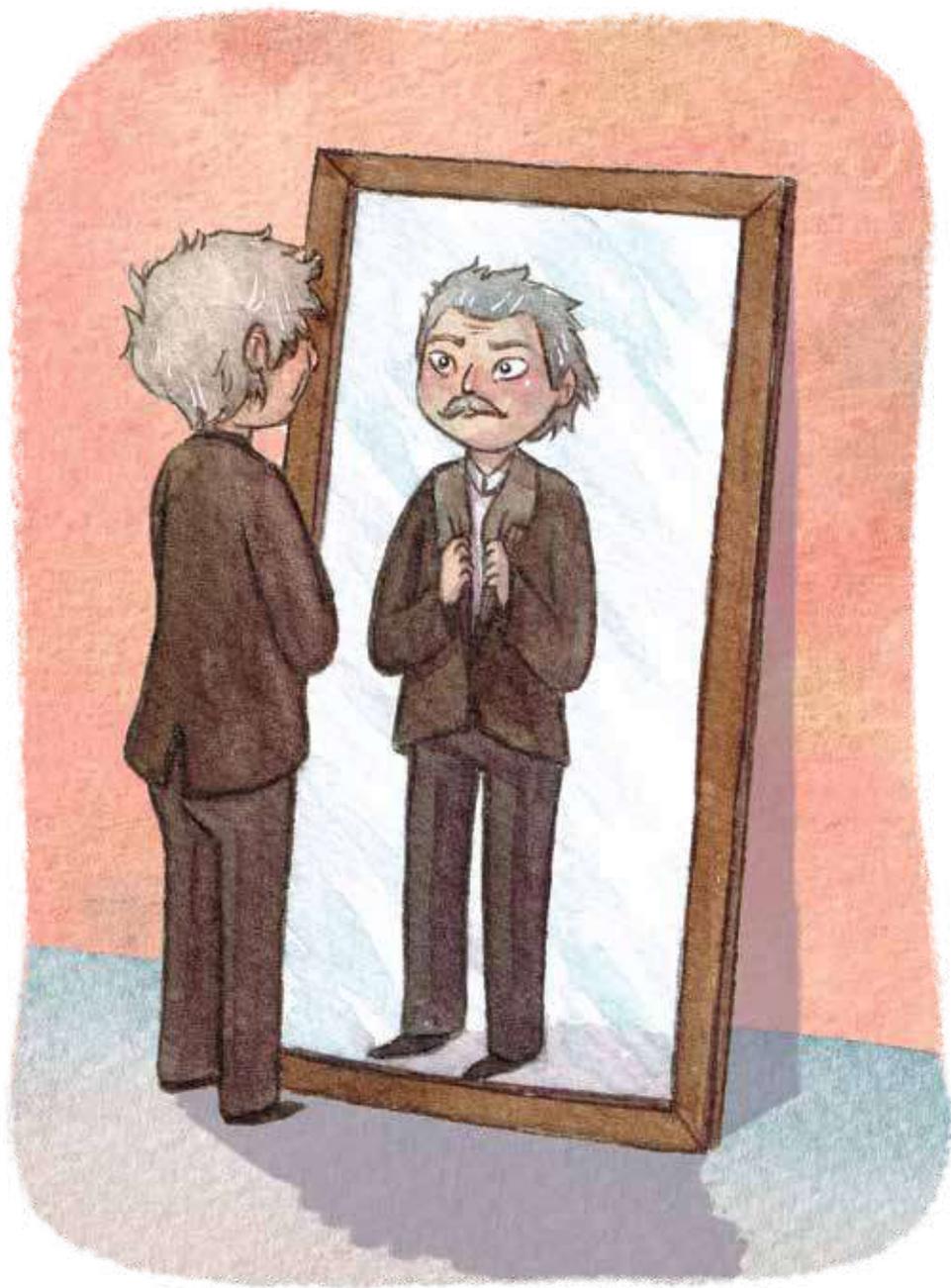
Com o jovem Carlos Gomes não foi diferente. Após a apresentação de sua ópera *A noite do Castelo*, em 1861, D. Pedro II agraciou o rapaz com a chance de ir estudar na Europa!



Em Milão, lá na Itália, o compositor se dedicou a estudar aquilo que amava: ópera - um tipo de teatro que envolve música e encenação. E é como resultado deste amor e com muita saudade do Brasil que Carlos Gomes compôs uma das mais importantes obras da nossa história: a ópera *O Guarani*. Nela, como era comum no Romantismo, Carlos Gomes utiliza os sons para descrever histórias e emoções de uma forma muito expressiva e intensa.

Apesar de ser cantada em italiano, essa ópera conta uma história bem brasileira sobre o chefe de uma tribo Guarani. Ela foi baseada em um romance do escritor José de Alencar. Eles escreviam este tipo de história na tentativa de valorizar a cultura indígena e termos nossos próprios heróis, assim como as histórias europeias





contavam sobre os ídolos do seu continente. Se você pesquisar na internet sobre esta obra, pode ser que perceba que já ouviu a melodia em algum lugar, seja em um filme, programa de TV ou mesmo no Youtube.

O Guarani foi apresentada no Teatro Alla Scala, na Itália. Essa casa de ópera existe até hoje e é uma das mais importantes no mundo todo. Foi a primeira vez que uma ópera brasileira foi apresentada por lá. Depois disso, Carlos Gomes ficou conhecido em toda a Europa.

Com o seu cabelo arrepiado, o artista tinha muito amor pela sua família e pelo seu país. Tanto que chegava a dizer com orgulho que era descendente de indígenas. Foi assim que Carlos Gomes se tornou o primeiro compositor brasileiro a ser celebrado fora do país!





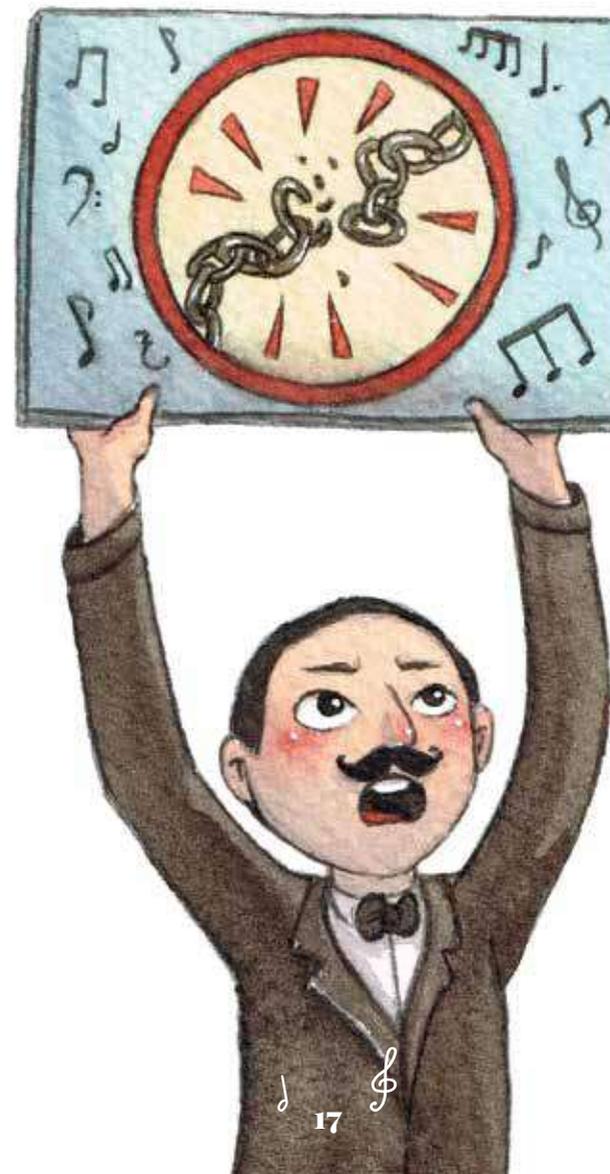
Brasílio Itiberê Da Cunha

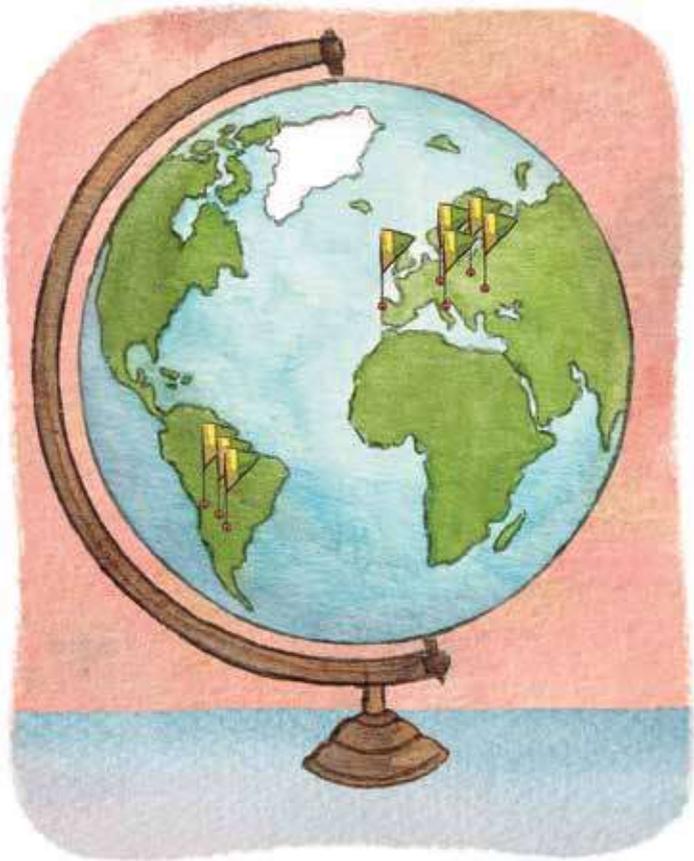
★ 1846 † 1913

Brasílio Itiberê da Cunha nasceu na cidade de Paranaguá, no litoral paranaense. Seu pai, João Manoel da Cunha, era um homem culto e fez questão que o filho estudasse música. O próprio João dava lições de piano ao filho e, quando não podia, deixava incumbido o tio do menino, Jacinto Manoel, de continuar com as aulas.

Terminou os estudos primários e logo em seguida conquistou seu espaço como pianista. Brasílio mudou-se para São Paulo e estudou na Faculdade de Direito. Nesse período, foi colega e amigo de Castro Alves, um dos mais importantes poetas brasileiros - ele escreveu o famoso poema chamado Navio Negreiro.

Itiberê participou de grandes mudanças na história do Brasil: fez parte de um grupo que promovia ações para poder libertar africanos e seus descendentes escravizados, o que foi muito importante para mudar esse capítulo tão vergonhoso na nossa história. Ele se apresentava em diversos lugares com o intuito de arrecadar fundos para o movimento abolicionista.





Em um dos seus concertos para o grupo, conheceu a Princesa Isabel, que se encantou com o seu trabalho e o convidou para ir tocar piano no Palácio Imperial do Rio de Janeiro. Dom Pedro II, deslumbrado com as composições de Brasília, convidou o artista e bacharel em direito para ocupar um cargo importante no seu governo. Ao mesmo tempo que trabalharia para o país, o jovem teria a oportunidade de aprimorar seus estudos mundo afora.

Foi aí que Brasília iniciou sua carreira como diplomata, representando o país em outras nações. Viajou o mundo todo e permaneceu estudando música em todos os lugares que morou, sem abandonar, jamais, sua conexão com o país de origem.



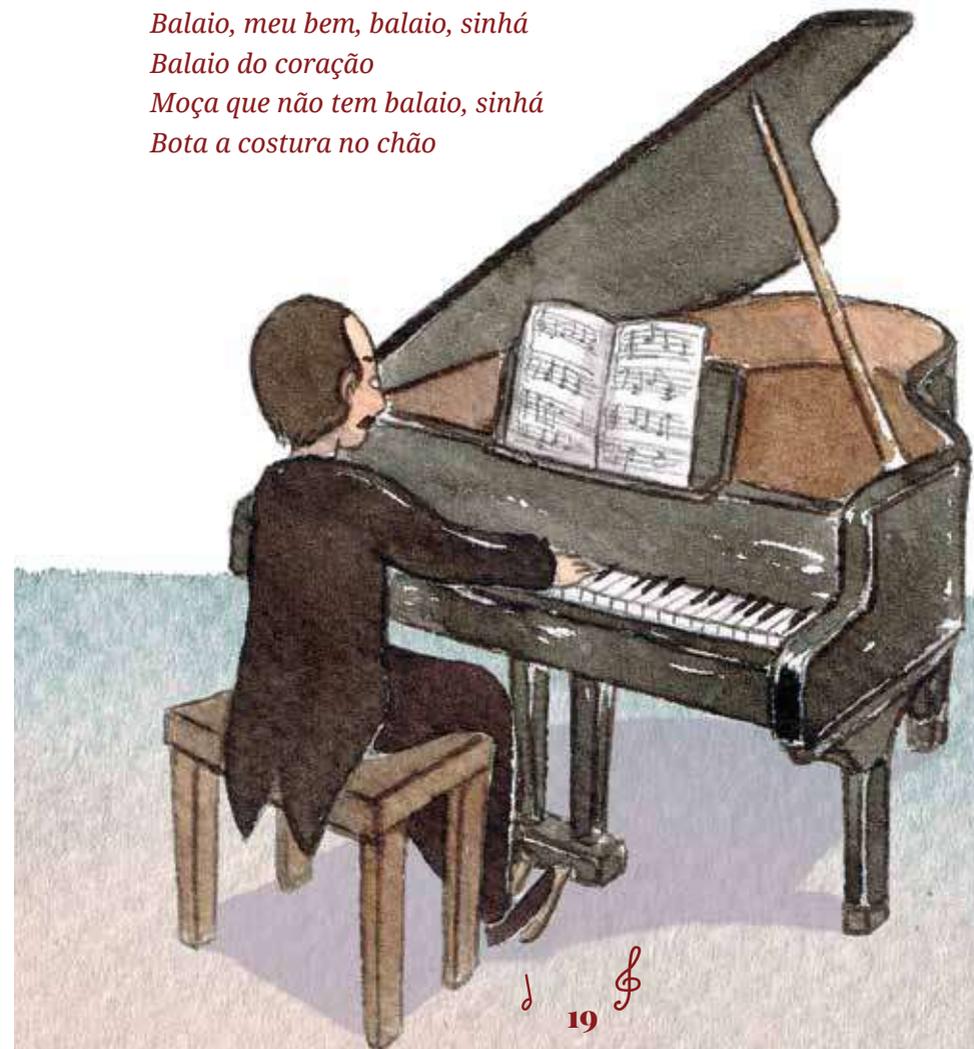
Compôs várias peças para piano, música de câmara e coral. Assim como Carlos Gomes, Itiberê era um compositor do período romântico, e sua música também era muito parecida com a dos famosos compositores da Europa. Só que, naquele tempo, alguns artistas do nosso país já começavam a buscar um estilo mais brasileiro para criar as suas obras. Era o começo do que chamamos de Nacionalismo. E Itiberê foi considerado um dos pioneiros desse estilo na música quando compôs uma peça chamada *A Sertaneja* (1869). Para isso, ele se inspirou em uma canção folclórica do litoral brasileiro que era bem comum entre as crianças. Você conhece?

Balaio, meu bem, balaio, sinhá

Balaio do coração

Moça que não tem balaio, sinhá

Bota a costura no chão



Sempre foi ligado às suas origens e carregava o Brasil até no nome. Gostava tanto da sua cidade que propôs para a família que adotassem o sobrenome *Itiberê* - um importante rio que deságua na baía de Paranaguá. Você consegue imaginar um sobrenome que lembre da sua cidade?

Outra mudança no nome do compositor foi de *Brazilio*, com a letra “z”, para *Brasílio*, com “s”. Naquele tempo, o país teve uma reforma ortográfica que mudou seu nome de *Brazil* para *Brasil*.

O compositor seguiu o país na mudança e transformou também a escrita do próprio nome. Isto sim era admiração pela nação!

Pela sua música, luta social e carreira como diplomata que *Brasílio Itiberê* tem espaço guardado na história do Brasil. Suas raízes paranaenses e seus feitos nos motivam a escutar e apreciar aquilo que construiu!

É por essa bonita história que uma das ruas de Curitiba se chama *Brasílio Itiberê*.



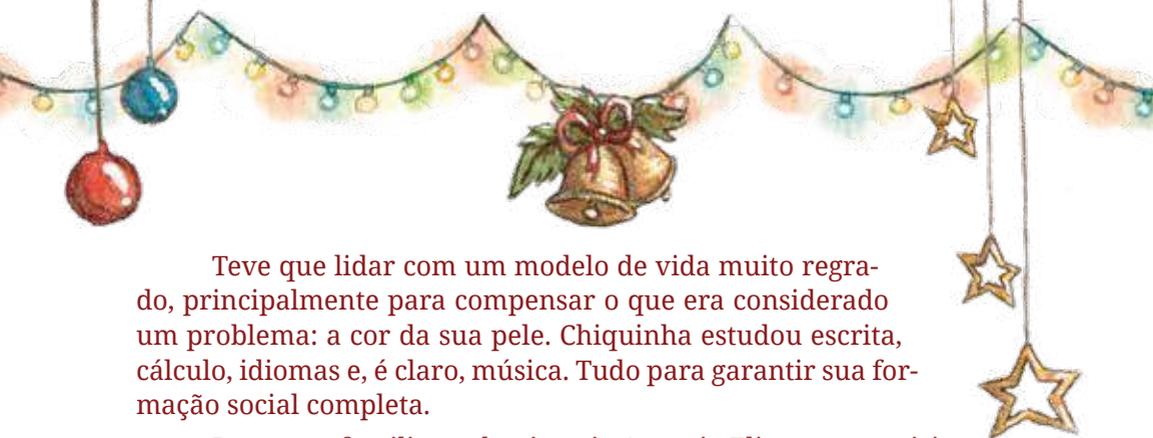
Chiquinha Gonzaga

★ 1847 † 1935

Chiquinha Gonzaga foi uma mulher revolucionária. Ela derubou as barreiras de um Rio de Janeiro preconceituoso e marcou na história suas composições e seus ideais. Além de grande pianista, reinventou o lugar da mulher e da música popular brasileira.

Francisca Edwiges Neves Gonzaga, a Chiquinha, nasceu no dia 17 de janeiro de 1847. Era filha de José Basileu Gonzaga, um general do Império, e Rosa Maria Neves de Lima, que descendia de africanos escravizados.





Teve que lidar com um modelo de vida muito regrado, principalmente para compensar o que era considerado um problema: a cor da sua pele. Chiquinha estudou escrita, cálculo, idiomas e, é claro, música. Tudo para garantir sua formação social completa.

Dentre os familiares, havia o tio Antonio Eliseu, que a visitava de tempos em tempos e a inspirava com sua música. Foi esse tio, animando a festa de Natal de 1858, que coordenou a apresentação da primeira composição de Chiquinha: a *Canção dos Pastores*.

A preocupação da família com a posição social da menina durou até o casamento, que foi planejado e imposto à ela quando tinha apenas 16 anos. Seu companheiro, Jacinto, a maltratava porque não queria que ela se envolvesse com música.

Então, lutando pelo seu sonho, ela se divorciou. A separação era considerada um grande problema para as mulheres. Chiquinha sofreu amargamente com a discriminação social, além da crueldade do ex-marido: ele não permitiu que ela ficasse com os três filhos, apenas com o mais velho.



Do segundo casamento perdeu também a guarda de Alice, a filha mais nova. Carregando tamanho fardo, concentrou toda a sua energia na música. Para sustentar o filho mais velho, atuou como pianista em lojas de instrumentos musicais e tocou em bailes e festas.

1877 foi um ano muito importante para Chiquinha: sua composição chamada *Atraente* fez um baita sucesso. Alguns anos depois, também escreveu música para teatro, estreando a opereta *A corte da roça*.

Ela foi uma mulher extremamente forte: além de enfrentar todo o preconceito, teve que lutar sozinha para conquistar seu espaço como musicista. Quando começou a reger, tiveram que buscar uma palavra feminina para quem dirige a orquestra. Por conta dela, hoje as mulheres que trabalham com regência podem ser chamadas *maestras*!



Chiquinha também é lembrada por outros episódios revolucionários.

Em 1889, regeu um concerto de violões, o que era bem incomum para a época. O instrumento não era considerado como sendo de concerto e a polícia prendia quem tocava. Acredita nisso?

Era considerado um instrumento de “vadios”.

Também, na casa da família presidencial, Chiquinha se apresentou com a primeira-dama Nair, que era sua amiga. Elas tocaram a composição conhecida como *Corta-Jaca*. Era a primeira vez que uma música popular entrava no centro da elite brasileira e isto causou bastante polêmica. As paredes que separavam a cultura das ruas daquela dos salões ricos começavam a ser derrubadas!

Chiquinha lutou pela mulher, pela música popular e também pela cultura afro-brasileira ao exercer seu papel como abolicionista. Inspirou-se em Lundu, Umbigada e outros ritmos que vieram dos povos africanos para compor suas marchinhas e valsas populares.

Foi ela quem criou a marcha carnavalesca ao compor a famosa canção *Ó Abre Alas*.

É com esta força de vontade de mulher livre e musicista criativa, que Chiquinha disse, por gestos e inspirações, pra todo mundo da sua época:





Heitor Villa-Lobos

★ 1887 † 1959

Heitor Villa-Lobos foi um compositor que transformou a história da música no Brasil. Suas composições marcaram época e permanecem vivas no mundo todo.

Ele nasceu no Rio de Janeiro, no dia 5 de março de 1887. Villa sempre esteve perto de música, desde pequeno. Seu avô, que se chamava Santos Monteiro, compunha para as pessoas dançarem em bailes. Também tinha a tia Zizinha, que tocava piano e fazia o menino se encantar com o som das teclas.

Raul, o pai de Heitor, incentivava muito o músico, desde criança. Ensinava em casa e levava o menino para assistir várias



óperas, além de organizar saraus com músicos convidados. Naque-la época, as pessoas não tinham rádio, televisão e muito menos YouTube ou outras mídias que usamos hoje em dia. Não havia outra forma de ouvir música senão ao vivo.

Suas primeiras notas foram no violoncelo, depois no clarinete e, mais tarde, aprendeu também violão e piano. Gostava mesmo de ouvir e tocar aquele tipo de música chamada choro, sabe? O chorinho marcava presença nos bailes e bares das favelas do Rio de



Janeiro e Villa-Lobos, já moço, fugia de casa para prestigiar a arte brasileira que nascia nos espaços mais humildes.

Apesar de não gostar muito de estudar, era super criativo e capaz de compor mesmo com gente falando por perto, crianças brincando ou com rádio ligado. Gostava de criar músicas sobre os indígenas do nosso país, sobre as pessoas que viviam no sertão e sobre as cantigas de roda que as crianças cantavam por aqui, como “Ciranda, cirandinha”. Você conhece?

Ele era criativo também no jeito de falar e de se comportar. Certa vez, perguntaram onde ele havia aprendido as melodias que os indígenas cantavam e o artista respondeu de um jeito bem inusitado:

“Pelos papagaios. Os papagaios brasileiros ouviram essas melodias há muitos anos e não se esqueceram delas. [...] Eu ouvi os papagaios e anotei as melodias”.

Claro que ele estava inventando... Desde quando os papagaios podem guardar música desse jeito? Ele inventava muitas histórias. Disse, uma vez, que dentre as suas inúmeras viagens, quase foi comido por índios canibais!

Teve outra vez que ele foi tocar em um evento bem importante chamado Semana de Arte Moderna. Este evento aconteceu em fevereiro de 1922 e mudou toda a história da arte no nosso país, porque transformou não só a música, mas a pintura e a literatura também.

Todos os artistas que estavam lá fizeram obras que eram inovadoras.

Nessa ocasião, Heitor estava com o dedão do pé machucado. Como não queria deixar de

participar, foi vestido bem chique, igual sempre fazem nos concertos, só que usando chinelo tipo havaianas, com o dedão à mostra.

Villa-Lobos era conhecido por gostar muito do Brasil, um verdadeiro nacionalista. Tinha o sonho de criar músicas que falassem do nosso país e não gostava de copiar as coisas que vinham da Europa ou de outros lugares.

Por admirar tanto assim o país é que trabalhou para o governo de Getúlio Vargas, assumindo o cargo de diretor da Superintendência de Educação Musical e Artística em 1932. Ele colocou aulas de coral em várias escolas e conseguiu fazer com que um monte de gente, no Brasil todo, fizesse apresentações cantando. Em uma dessas ocasiões, ele reuniu quarenta mil alunos de escolas públicas em um estádio de futebol para fazer uma apresentação. Foi um marco na história da arte e da educação do nosso país.



O Villa compôs várias obras que se tornaram famosas: *Uirapuru*, *A floresta do Amazonas*, as *Bachianas Brasileiras*, entre tantas outras. Ele gostava de se inspirar em sons da natureza e do cotidiano brasileiro, como dos pássaros e dos rios. Uma das suas composições parece que transformou o som de um trem inteiro em uma melodia; chama-se *O trenzinho do caipira*. Ele foi muito importante na criação de um jeito brasileiro de se escrever música de concerto.

Com sua vida e obra marcada por uma personalidade forte, repleta de muita originalidade e brasilidade, Villa-Lobos deixou seu legado na história, influenciando a música do nosso país até os dias de hoje.

O compositor já teve até a foto estampada no dinheiro do Brasil e, atualmente, tem shopping que tem o nome dele; tem museu, tem parque, tem prédio: um monte de gente quer fazer uma homenagem ao grande Heitor Villa-Lobos!



Camargo Guarnieri

★ 1907 † 1993

Mozart Camargo Guarnieri nasceu no dia 01 de fevereiro de 1907, em uma cidadezinha do interior de São Paulo chamada Tietê.

Foi uma criança que gostava mais de ficar no mato, atrás de borboletas e de insetos, do que estudando coisas comuns na escola.

Até quando ia estudar música, ficava com preguiça de copiar as notas da pauta e se mandava para o jardim se divertir com a natureza. Ele sempre contava que esses dias foram de grande alegria!

Seu pai, Miguel, era um apaixonado por música. Deu nome de músicos famosos para todos os filhos, por isso chamou o menino de Mozart. Esforçou-se para que o pequeno Guarnieri pudesse se tornar um artista importante. Colocou o menino nas aulas de piano ainda bem novo e, embora o garoto não gostasse de estudar, apreciava muito criar músicas. Seu talento para a improvisação era tão expressivo que escreveu, com apenas 11 anos de idade, sua primeira composição: *Sonho de Artista* (1918). Seu pai ficou tão feliz com a obra que pagou para editar e publicar a partitura.

Em 1922, ano da Semana de Arte Moderna, a família toda se mudou para São Paulo com a intenção de que o pequeno Mozart pudesse ter uma educação musical de maior qualidade.

Apesar de estarem na cidade grande, a vida do pequeno artista não foi nada fácil. Quando se mudaram, Camargo tinha quinze anos e era o filho mais velho de uma família muito humilde, por isso teve que ajudar para que todos pudessem sobreviver. Então, além de estudar violino, piano e flauta, trabalhava em vários lugares para conseguir algum dinheiro.



Antigamente, os filmes que passavam no cinema tinham as suas músicas sendo tocadas ao vivo. Durante a noite, Camargo trabalhava como pianista em um desses cinemas chamado Cine Teatro Recreio. Seu pai o acompanhava, tocando contrabaixo ou flauta.

Depois disso, o jovem ia tocar em um cabaré até quatro horas da madrugada. Dormia bem pouco porque tinha que levantar cedo pra ir estudar.

Ele se tornou um grande amigo de Mário de Andrade, um importante escritor, intelectual e crítico. Mário foi como um padrinho para muitos artistas do Modernismo brasileiro. Com Guarnieri não foi diferente - sua música foi muito influenciada pelas ideias nacionalistas de Mário.

Guarnieri conseguiu se apresentar como compositor em 1935, na Semana de Arte Moderna daquele ano. Suas obras bem escritas e com forte presença da cultura brasileira conquistaram público no mundo todo.

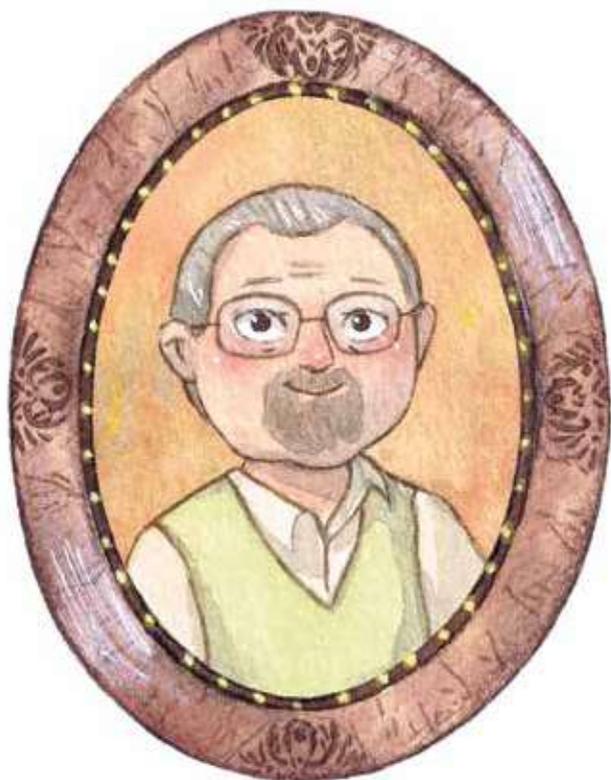


Além de grande compositor e maestro, Guarnieri contribuiu de várias formas para a música no Brasil: foi um importante professor de composição e regente do Coral Paulistano, que existe até hoje. Em 1975, assumiu a direção da Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, em que trabalhou até o fim da vida.

Suas convicções e seu interesse pela composição ficaram vivos nas mais de 700 obras que criou, principalmente nas peças para piano, como seus *Ponteios*. Entre suas composições estão as *Sinfonias*, *Dança Brasileira*, *Canção Sertaneja* e a ópera *Um homem só*.

Camargo Guarnieri nos deixou de herança a sofisticação de uma música de concerto com a cara do Brasil e se faz presente na história do nosso país!





Henrique De Curitiba

★ 1934 † 2008

Henrique Morozowicz é mais um artista que representa a grande diversidade cultural do nosso país por ser filho de imigrantes poloneses. Depois de adulto, quando morou em São Paulo, ficou conhecido como o Henrique de Curitiba. Com as obras que escreveu, tornou a sua cidade mais famosa no mundo da música.

Henrique nasceu no dia 29 de agosto de 1934. Ele vinha de uma família de artistas: seu pai, Tadeusz Morozowicz, já era um bailarino e coreógrafo muito conhecido na Europa. E olha só que legal: quando chegou em Curitiba, fundou a primeira escola de ballet do Paraná.

A mãe do Henrique, Wanda Lachowski, era pianista e foi quem ensinou ao menino as primeiras notas. Ele foi muito sortudo: a arte fazia parte da sua vida antes mesmo de ele andar!



Ainda criança, Henrique começou a ter aulas de piano com uma importante professora chamada Renée Devrainne Frank. Em casa, o menino usava as lições passadas por ela para criar músicas. Por conta disso, sua mãe sempre chamava a atenção:

“Chega de inventar e estude os exercícios!”

Nessas horas, já dava pra perceber como ele era criativo.

Tornou-se aluno da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) em 1948, bem no ano em que ela abriu as portas. Lá Henrique teve aulas com grandes músicos, inclusive Bento Mossurunga, o compositor do Hino do Paraná. A Belas fica em Curitiba e existe até hoje, formando profissionais de várias artes.

Henrique não parou por aí. Estudou piano também em São Paulo e em Varsóvia, cidade natal do seu pai. Mais tarde, conquistou o título de Mestre em Composição Musical lá em Nova Iorque.

Ele costumava dizer que a voz humana era um instrumento muito marcante. Foi por isso que fez tanta música para coro.

VOCÊ SABIA QUE A VOZ TAMBÉM É UM INSTRUMENTO?
ALIÁS, É UM INSTRUMENTO QUE VOCÊ TAMBÉM PODE USAR!

Uma destas obras, a canção de ninar chamada *Para Dormir*, mostra toda a delicadeza de Henrique. Ele compôs esta para seu irmãozinho Norton.



Henrique escrevia melodias com cara de mistério e muitas peças curtas, que chamamos de miniaturas. Tem também uma outra obra dele que fez muito sucesso: o poema sonoro *Evocação das Montanhas*. Ela foi interpretada e gravada até pelo famoso cantor Milton Nascimento.

Não só pelas suas composições ele é lembrado, mas também porque teve vários cargos importantes: foi diretor e professor da EMBAP e deu aulas também em outros lugares, como na Universidade Federal do Paraná.

A profundidade da música de Henrique de Curitiba e seu ar refinado e exigente marcam presença na arte curitibana até os dias de hoje!



Egberto Gismonti

★ 1947

Ao longo da história, o popular e o erudito se misturam cada vez mais, tornando a música brasileira ainda mais especial. É nessa onda que surge um compositor bem importante chamado Egberto Gismonti.

O fluminense nasceu no dia cinco de dezembro de 1947, na cidade do Carmo. Filho de pai libanês e mãe italiana, começou a estudar piano quando tinha apenas cinco anos de idade. Dá pra imaginar?

Passado mais de cinquenta anos, ele lembra com detalhes sobre o dia em que sua mãe o chamou para apresentar a professora de piano.

Os estudos musicais ficaram ainda mais intensos na adolescência, quando, além do piano, passou a estudar flauta, clarinete e violão no Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro.

O Egberto sempre gostou da cultura popular e folclórica, o que o fez buscar fontes de inspiração de maneiras muito diversas.

Por exemplo, para entender a forma dos indígenas fazerem música, foi viver com uma tribo no Xingu, lá no Mato Grosso. Deste período, carrega amizades que perduram até hoje!

Com sonoridades, melodias e ritmos bem brasileiros, suas composições revelam o fascínio pelo país. Elas também transbordam brincadeiras, sonhos e imaginação, como em *Infância* (1991) e *Palhaço* (1980). Ele gosta de criança igual o Villa-Lobos gostava!



Talvez você tenha percebido que os outros compositores fizeram parte de diferentes movimentos ou períodos na história da música. Falamos, por exemplo, do romantismo, do modernismo, do nacionalismo...

E Egberto Gismonti? Quando você ouvir vai perceber que a música dele é uma linda mistura difícil de definir. Inclusive, ele experimenta várias coisas diferentes, como batucar na caixa do seu violão de 10 cordas para produzir novos sons.

Você acredita que o Gismonti já tem mais de sessenta discos lançados? *Dança das cabeças*, de 1976, é um dos mais comentados. Muitos músicos falam que este CD é aquela mistura perfeita entre o estilo de música erudito e o popular.



Com setenta anos de idade, Gismonti continua criando música com várias finalidades: ele já compôs para filme, novela, série de TV, teatro e ballet.

Egberto Gismonti se tornou famoso no mundo todo. Ele viaja por todos os continentes se apresentando com os músicos mais importantes do nosso tempo. Seu compromisso com a música e sua imaginação carregada de brasilidade fazem dele um artista inconfundível!



QUEM SOMOS NÓS

Priscila

Foi bailarina, professora e até garçonete antes de descobrir que o que ela mais gosta de fazer é ajudar artistas a tirar suas ideias da gaveta e criar coisas bonitas para melhorar a vida de todas as pessoas através da arte. Hoje é produtora e gestora de projetos culturais, ama teatro, dança e artes visuais mas é a música que faz seu coração bater mais forte.



Audryn

É músico, compositor e produtor musical. Toca trompete desde seus 9 anos e já se apresentou em bandas marciais e orquestras de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Tocou em shows de artistas famosos desses que aparecem na TV, gravou trilhas para cinema e um CD com seu amigo Francisco com quem criou o Duonovo, que idealizou esse livro para inspirar mais crianças a escutarem música instrumental brasileira.

Francisco

Estudando música desde os 6 anos, Francisco já viajou com seu companheiro violão para diversas partes do mundo, como os EUA, México e alguns países da Europa. Hoje ele toca com vários grupos que se dedicam a pesquisar e divulgar a música erudita brasileira, fazendo concertos e gravando discos. Francisco gosta tanto de música que virou também professor para incentivar novos pequenos artistas.



Melissa

Passou boa parte da infância sentada, com lápis, giz de cera e um caderno sempre à mão. Desenhou tanto, mas tanto, que hoje em dia só quer saber de ilustrar. Estudou Artes Visuais na universidade, onde decidiu que queria ser o que é. Atualmente, divide seu tempo entre aquarelas, cães resgatados e nescau.

Phellip

Gosta muito de histórias e sonha em tocar violão igual ao Francisco. Estudou letras e fez mestrado em histórias em quadrinhos: tudo pra poder ficar sempre pertinho das artes.

Hoje em dia ele é professor e contador de histórias, além de levar alguns versinhos escondidos no bolso.



Equipe Editorial

Idealização: Audryn Souza

Textos: Francisco Luz e Phellip Willian

Ilustrações: Melissa Garabeli

Revisão: Silvana Camlofski Luz

Programação visual e diagramação: Brenda Santos

Direção editorial e produção executiva: Priscila de Moraes

Assistente de produção: Yasmin Franco

Edição: Diversa Produções

Impressão: Mult Graphic

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E CONTROLADA

Tiragem: 1.500 exemplares

Copyright © 2018 Duonovo e Diversa

Almanaque da Música Brasileira para Crianças | 2ª Edição | Ano 2022

APOIO



REALIZAÇÃO



d i
v e r
s a

INCENTIVO



Projeto aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura | PROFICE da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura | Governo do Estado do Paraná.

Um passeio histórico pela
Música Brasileira ao lado dos
nossos grandes compositores!



ISBN: 978-85-54027-07-0



9 788554 027070